



DIOCESE DE GUAXUPÉ

**SOLENIIDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO CORPO E SANGUE
DE CRISTO**

CORPUS CHRISTI

11 de junho de 2020

1

- 1. É importante cuidar da ambientação – criar um ambiente agradável, que favoreça a entrega, silêncio e a escuta;*
- 2. Em uma mesa com toalha colorida, flores e vela, ter um pão, frutas ou qualquer outra comida/bebida que possa ser partilhada ao final;*
- 3. Ter em conta que este roteiro quer se somar à sua meditação;*
- 4. Não esquecer que toda reflexão deve acompanhar a prática e vice-versa.*

REFRÃO ORANTE (tirado do cancionero da nossa música popular brasileira)

Fica mal com Deus quem não sabe dar.

Fica mal comigo quem não sabe amar!

ACOLHIDA

Animadora(o): Em nome do Pai e do Filho + e do Espírito Santo. Amém. Hoje, queremos estar reunidos pelo Espírito em torno do Crucificado-Ressuscitado para celebrar o memorial da Páscoa na festa do Corpo e Sangue de Jesus, para além de toda lógica sacrificial e de altar. Não nos esqueçamos que a Eucaristia quando não é mesa, pode ser pura blasfêmia. Rezemos juntos:

Todos: Vinde, Espírito Santo, ensinar-nos o que Jesus diz, mostrar-nos o que hoje significam as suas ações e palavras, a sua compaixão pelos que sofrem e a sua indignação contra os que oprimem, a mão que afaga a criança ou cura o doente, o punho cerrado que denuncia os enganadores e chicoteia os exploradores. Vinde, Espírito Santo, dar-nos hoje a fidelidade de Jesus ao Pai, sua mansidão, sua lucidez, sua coragem. Amém.

2

RECORDAÇÃO DA VIDA – lembrar os fatos, situações, os acontecimentos, a caminhada das nossas comunidades, as pessoas com quem queremos rezar e estar unidos, em sintonia. Lembrar da situação de miséria a que muitos são condenados por uma economia de morte e anti-vida...

I- Leitura – conhecer, situar...

Ler, reler, ler de novo para apropriar-se da Bíblia até que seja palavra nossa. Pronunciar bem as palavras, em voz alta. Durante a proclamação, fechar os olhos e se imaginar olhando Jesus e escutando sua palavra. Depois, retomar a leitura em silêncio, individualmente

O Quarto Evangelho, atribuído a João, diferente dos outros três, não registra a instituição da Eucaristia. No lugar, conta o episódio do lava-pés (texto da Quinta-feira Santa) e este

discurso de Jesus sobre o Pão da Vida (que estamos lendo). Não é de hoje que liturgia e realidade social são separadas. Neste capítulo 6, se faz uma justa crítica ao sacramentalismo, ou seja, a redução ao sinal-sacramento que não alcança a adesão a Jesus e ao seu projeto de igualdade, justiça e libertação. Depois de alguns anos da morte e ressurreição de Jesus, algumas comunidades já estavam abusando da Ceia do Senhor que era celebrada numa janta comum. Em Corinto, quando a maioria de pobres chegava para comer e fazer a partilha, a minoria rica, importante, notável já tinha se empanturrado e embebedado do bom e melhor. O que deveria ser mesa comum, partilha que denunciava as injustiças do mundo, acabava reproduzindo a mesma lógica de desigualdade e exclusão. Paulo alerta: “isto é comer da própria condenação” (1 Cor 11, 29-32). Neste texto, carne não é apenas um pedaço de Jesus, mas é sua realidade humana, pobre, fraca, débil. O sangue é a morte violenta, o assassinato, a forma cruel de eliminar alguém que estorva, incomoda os ricos e donos do poder, é o preço da denúncia e desmascaramento dos de cima que pisam e massacram os de baixo, é o custo de quem não se rende nem se vende aos fortes e grandes, mas leva a fidelidade aos pequenos e fracos até as últimas consequências.

II- Meditação – ruminar, atualizar...

A imagem do Pão da Vida pode ser lida como se Jesus quisesse dizer: o pão da Vida sou eu, o princípio vital, a minha carne, a minha humanidade, a minha pessoa, o meu projeto e não um mero rito ou celebração que deveriam significar partilha e comunhão na luta pela vida. Não nos encontramos com Deus nos elevando ao céu, fugindo da realidade; nossa Eucaristia será mais plena na opção pelos pobres desta terra, na defesa intransigente dos excluídos/as, contra toda forma de machismo, racismo, homofobia. Comer a carne e beber o sangue de Jesus é serviço, entrega radical; é engolir e tragar a morte de Jesus, crucificado, eliminado feito maldito, sendo solidário com os crucificados

de hoje, baixando-os da cruz, se colocando ao lado dos negros, pobres exterminados nas periferias pelo abuso da força policial, tomando partido pelos trabalhadores, sacrificados em honra dos lucros fartos dos patrões; pelas mulheres abusadas, diminuídas e inferiorizadas; pelos indígenas massacrados, pelos sem-terra e sem-teto criminalizados. Não dá para celebrar a Eucaristia impunemente. É algo que nos compromete radicalmente. Assim como o trigo é moído, passa pelo fogo para se tornar pão e depois é triturado, mastigado; assim como a uva é esmagada para se tornar vinho; assim também devem ser nossas vidas, totalmente entregues, pela causa do Reino, desde um lugar concreto: com os ninguéns, deserdados e ofendidos deste mundo. No entanto, a Eucaristia tem sido – muitas vezes – caminho rápido de fuga de uma semana inteira de injustiças, anestésico que adormece e aliena nossas consciências, celebração sem compromisso. Há, portanto, na Eucaristia, mesa da igualdade, em que todos comem do mesmo pão e bebem do mesmo vinho, uma denúncia: é injusta toda ordem social em que a comida e a bebida são apropriadas por uns poucos em prejuízo da maioria. Quem não partilha seus bens e o mínimo que é máximo dom de Deus, a vida; quem despreza e tem vergonha do indigente, do abandonado, do mais sofrido; quem no luxo passa a vida a esbanjar será réu do Corpo e Sangue do Senhor.

a- Prestamos tanta atenção ao “isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue” a ponto de esquecer o “que será entregue a vocês”, “que será derramado por todos”. Somos capazes de viver e traduzir na prática, em coerência, o que celebramos?

b- Temos consciência de que Corpus Christi não é procissão triunfante, ostensório brilhante, mas partilhar corpo e sangue com os pobres, tocar a carne ferida dos caídos à beira do caminho?

c- O pão de cada dia é de todos/as ou de quem pode comprar?

d- Entendemos a Eucaristia como um projeto e sentido de vida, que estabelece comunhão, ensaiando o mundo de igualdade e partilha querido por Deus ou nos satisfazemos com formalismos litúrgicos e rituais?

III- Oração – suplicar, agradecer...

Oração que brota da nossa leitura meditada da realidade, do texto bíblico. É determinante rezarmos a vida para no passo seguinte, sermos capazes de vivermos o que rezamos.

Preces espontâneas que, talvez, podem ser concluídas com o soneto de Dom Pedro Casaldáliga:

*Minhas mãos, essas mãos,
Tuas mãos fazemos este Gesto,
partilhada a mesa e o destino, como irmãos.
As vidas em Tua morte e em Tua vida.
Unidos no pão os muitos grãos,
iremos aprendendo a ser a unida
Cidade de Deus, Cidade dos humanos.
Comendo-te, saberemos ser comida.
O vinho de suas veias nos provoca.
O pão que eles não têm nos convoca
a ser Contigo o pão de cada dia.
Chamados pela luz de tua memória,*

marchamos ao Reino fazendo História.

Fraterna e subversiva Eucaristia.

IV- Contemplar – enxergar, agir...

O pão da Palavra foi mastigado, engolido, digerido e da força para ação. É o momento de encarnar nossa leitura orante na prática.

a- O texto nos ajudou a pensar diferente?

b- Hoje também somos tentados, como no começo, a fazer uma Eucaristia “light”, leve, bonita, cheia de pompas, emotiva, mas desligada e sem compromisso real com a vida?

c- Em tempos de pandemia e isolamento, conseguiremos redescobrir a Eucaristia como uma celebração mais simples, espontânea, laical, libertada e libertadora?

d- O que fazer para que a Eucaristia volte a ser o que era, uma janta, a janta dos pobres?

e- Sentimo-nos convocados e provocados pelo pão e vinho, sinais da Páscoa de Jesus, a construir o Reino, subvertendo a história?

6

CONCLUSÃO

Um gesto de partilha do pão e das frutas ou outra comida pode concluir este momento, com a oração e canto seguintes:

OREMOS. Dize-nos como ser pão, como ser alimento, que sacia por dentro, que traz a paz irmanada com a justiça. Dize-nos como ser pão, dize-nos como nos aproximar dos que não têm alento. Dize-nos como ser pão, como deixar-nos comer pouco a pouco, esvaziando-nos inteiramente e preenchendo-nos mais e mais. Dize-nos como ser pão,

como ser para outros, em cada momento, alimento e maná. Tu que és o Pão da Vida, o pão dos pobres. Tu que fazes de nós teu reflexo, que abraças nossa debilidade, que nos sacias a fome quando estamos a caminho. Dize-nos como ser pão que cura a injustiça, que cria libertação. Dize-nos como ser pão. Amém.

1- Se calarem a voz dos profetas,

As pedras falarão.

Se fecharem os poucos caminhos,

Mil trilhas nascerão.

Muito tempo não dura a verdade,

Nestas margens estreitas demais.

Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais...

É Jesus este pão de igualdade:

Vimos para comungar!

Com a luta sofrida de um povo

Que quer, ter voz, ter vez, lugar!!!

Comungar é tornar-se um perigo,

Vimos pra incomodar:

Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar!

2- O Espírito é vento incessante,

Que nada há de prender.

Ele sopra até no absurdo, que a gente não quer ver.

Muito tempo não dura a verdade,

Nestas margens estreitas demais.

Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais...

3- No banquete da festa de uns poucos,

Só rico se sentou.

Nosso Deus fica ao lado dos pobres,

Colhendo o que sobrou.

Muito tempo não dura a verdade,

Nestas margens estreitas demais.

Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais...

4- O poder tem raízes na areia,

O tempo faz cair.

União é a rocha que o povo usou para construir.

Muito tempo não dura a verdade,

Nestas margens estreitas demais.

Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais...